

ARMÁRIO DUPLO E A INVISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA POR PARCEIRO(A) ÍNTIMO(A) EM RELAÇÕES LGBT

INAÊ DUTRA VALÉRIO¹; ANA LUIZA GONÇALVES SOARES²; HELEN
GONÇALVES³

*¹Programa de Pós-graduação em Epidemiologia, Universidade Federal de
Pelotas- inadutra@hotmail.com*

²MRC IEU, Population Health Sciences, University of Bristol- analuiza.nutri@gmail.com

*³Programa de Pós-graduação em Epidemiologia, Universidade Federal de
Pelotas- hdgs.epi@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A Violência por Parceiro Íntimo (VPI) é definida como o uso da violência física (como esbofetear, pontapear e bater), psicológica (como intimidar, humilhar e gritar constantemente) ou sexual (como forçar a ter relação sexual) por um parceiro(a) íntimo(a), podendo ocasionar danos sociais/econômicos e à saúde física e mental dos envolvidos (KRUG et al., 2002).

Ainda que a VPI possa ocorrer em relações afetivas/sexuais independente da orientação sexual (KRUG et al., 2002), a maioria das pesquisas na área mensuraram a violência presente em relacionamentos heterossexuais e, especialmente, contra as mulheres (WHO, 2013; ELMQUIST et al., 2014; KIENE et al., 2017).

Entende-se como orientação sexual a forma como um indivíduo sente-se atraído afetiva e sexualmente, podendo ser (1) heterossexual – atração por pessoas de gêneros diferentes do seu; (2) homossexual – atração pelo mesmo gênero seu; e (3) bissexual – atração por ambos os gêneros.

Estudos que consideraram essas características em suas metodologias encontraram maiores prevalências de VPI entre a população de jovens lésbicas, gays, bissexuais e transexuais (LGBT) quando comparadas à população heterossexual (LANGENDERFER-MAGRUDER et al., 2016; REUTER et al., 2017) e mostram que universitários bissexuais e homossexuais sofrem mais violência sexual quando comparados aos heterossexuais (WHITFIELD et al., 2018).

Dado o exposto, o presente estudo tem como objetivo descrever a prevalência de VPI entre estudantes universitários da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) autodeclarados LGBT e comparar sua ocorrência com a prevalência de VPI daqueles autodeclarados heterossexuais.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo transversal, do tipo censo, de todos os indivíduos maiores de 18 anos ingressantes no primeiro semestre de 2017 da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Foram incluídos os matriculados no segundo semestre de 2017 e que estavam ou estiveram em algum relacionamento íntimo nos 12 meses anteriores à entrevista. Apesar da sigla LGBT abarcar diferentes sexualidades e gêneros, para fins de análises do presente estudo, foram excluídos aqueles indivíduos que referiram orientação sexual assexuada e aqueles indivíduos com identidade de gênero diferente do seu sexo biológico (transexuais).

A VPI foi avaliada a partir da ocorrência de violência psicológica, física, sexual e total (quando a violência foi presente independente da sua tipologia) e mensurada a partir de um questionário autoaplicado com 10 questões. Para todas as perguntas foi considerado o período de 12 meses anteriores à entrevista, com opções de resposta: sim, não e não teve parceiro(a) no último ano. Considerou-se ter sofrido VPI quando pelo menos uma das questões foi respondida positivamente.

As variáveis descritivas coletadas foram: sexo (feminino ou masculino); identificação de gênero (mulher, homem e ambos); orientação sexual (heterossexual, lésbica, gay ou bissexual); idade (18, 19, 20, 21, 22-24, \geq 25 anos); cor da pele autorreferida (branca, preta, parda ou outra); classe econômica segundo a Associação Brasileira de Empresas e Pesquisas (ABEP) (A/B - mais ricas; C; D/E- mais pobres); status de relacionamento (“ficando”, namorando ou sem nenhum tipo de relacionamento no momento atual); com quem reside (sozinho, com os pais, com amigos/colegas ou com cônjuge/companheiro); local de procedência (Pelotas ou demais cidades do país) e área do curso (Exatas, Saúde/Biológicas, Sociais/Humanas e Linguística, Letras e Artes).

As características demográficas e socioeconômicas da população de lésbicas, gays e bissexuais vítimas de VPI foram descritas por meio de frequência relativa. As diferenças na prevalência dessa violência foram avaliadas através do teste qui-quadrado de heterogeneidade. A razão de prevalência de VPI e seus subtipos, segundo orientação sexual, foi avaliada através da regressão de Poisson e analisada conforme sexo. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina da UFPel, com o parecer de número 2.352.451.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 1.588 entrevistados, 1.385 referiram ter ou ter tido parceiro íntimo nos 12 meses anteriores à entrevista, compondo a população final do presente estudo. Desses, 1.082 (78,1%) relatou ser heterossexual, 41 (3,0%) relatou ser lésbica, 70 (5,1%) relatou ser gay e 192 (13,9%) relatou ser bissexual.

Entre a população de lésbicas, gays e bissexuais a VPI tendeu ser maior naqueles com idade entre 18 e 19 anos (40,0%), de cor da pele branca (65,4%), que estavam namorando (37,0%) e morando com amigos (40,6%). A VPI também tendeu ser maior naqueles provenientes de outras cidades do país (63,4%), pertencentes à classe econômica A-B e estudantes de cursos da área de sociais, humanas, linguística e artes (63,4%).

A prevalência de VPI total entre a população de lésbicas, gays e bissexuais foi 33,3%, sendo a de VPI psicológica, física e sexual de 30,7%, 10,0% e 3,7%, respectivamente.

A Tabela 1 descreve a razão de prevalência de VPI segundo orientação sexual e sexo. Os resultados mostram que apesar da VPI não diferir de acordo com a orientação sexual entre os do sexo masculino, o mesmo não ocorreu entre os do sexo feminino.

Entre as mulheres, lésbicas apresentaram 66% e 64% mais risco de sofrer VPI do tipo total e psicológica, respectivamente, quando comparadas às heterossexuais. Mulheres bissexuais apresentaram 146% mais risco de sofrer VPI do tipo física quando comparadas às heterossexuais.

Tabela 1. Razão de prevalência (RP) de VPI total, psicológica, física e sexual segundo orientação sexual e de acordo com o sexo entre universitários ingressantes no primeiro semestre de 2017 na Universidade Federal de Pelotas, 2017 (n=1.385).

Variável	N (%)	RP VPI total (IC 95%)	RP VPI psicológica (IC 95%)	RP VPI física (IC 95%)	RP VPI sexual (IC 95%)
Sexo feminino					
Heterossexual	643 (74,4)	1,00	1,00	1,00	1,00
Lésbica	47 (5,4)	1,66 (1,1-2,4)	1,64 (1,1-1,6)	2,57 (0,9-7,1)	0,83 (0,1-6,1)
Bissexual	174 (20,1)	1,32 (1,0-1,7)	1,22 (0,9-1,6)	2,46 (1,3-4,6)	1,48 (0,6-3,5)
Sexo masculino					
Heterossexual	599 (82,9)	1,00	1,00	1,00	1,00
Gay	82 (11,3)	0,84 (0,6-1,3)	0,87 (0,6-1,3)	1,06 (0,5-2,2)	1,66 (0,4-7,5)
Bissexual	42 (5,8)	0,82 (0,5-1,5)	0,90 (0,5-1,6)	1,22 (0,5-3,2)	1,66 (0,2-12,8)

Os resultados do presente estudo mostram que a violência por parceiro íntimo permeia todos os tipos de relacionamento afetivo, sejam eles heterossexuais ou não. Em especial, identifica-se um aumento significativo da VPI em mulheres lésbicas e bissexuais. É possível que a prevalência de VPI tenha sido maior entre mulheres lésbicas e bissexuais por dois motivos: (1) essas mulheres, por terem suas sexualidades diferentes da sexualidade socialmente esperada, heterossexual, possam ter maior facilidade em identificar a ocorrência de VPI e, conseqüentemente, lembrar e reportar mais a violência, já que seus relacionamentos não percorrem estereótipos esperados; (2) de forma semelhantes, é possível que essas mulheres tenham se sentido mais segura em reportar a violência sofrida quando comparadas às mulheres heterossexuais, ainda que o questionário tenha sido respondido de forma anônima.

Em contrapartida, é possível que algumas características atribuídas à população de lésbicas, gays e bissexuais as tornem mais propensas à vitimização por parceiro(a) íntimo(a). Por não pertencerem ao conjunto de gênero e sexualidade socialmente priorizado, leia-se heteronormativo, indivíduos LGBT's tentem, de forma geral, a receber menor apoio familiar e social, potencializando a vulnerabilidade dessas vítimas no contexto do relacionamento íntimo.

Como consequência, lésbicas, gays e bissexuais podem enfrentar maior dificuldade em expor a violência sofrida no relacionamento íntimo por medo de reforçar o estereótipo negativo que as relações bi e homoafetivas comportam (NUNAN, 2013). Outro obstáculo no enfrentamento da violência pode se contextualizar em um menor acionamento dos mecanismos legais de denúncia por receio de homofobia ou bifobia por parte dos agentes governamentais.

Outro fator que pode explicar a prevalência semelhante de VPI entre os homens, independente da orientação sexual, a falsa crença de que a VPI ocorra apenas em relacionamentos compostos por um homem e uma mulher, naturalizando mais ainda sua ocorrência em relacionamentos com gays e bissexuais por falta de identificação.

Ainda que não medido nesse estudo, há formas específicas de VPI psicológica que um indivíduo LGBT pode sofrer, como o *outing* forçado (expor a orientação sexual da vítima sem seu consentimento) e a discriminação sexual pelo(a) seu(sua) próprio(a) parceiro(a).

4. CONCLUSÕES

Os resultados do presente estudo mostram que além de presente, a VPI ocorre em níveis superiores em mulheres lésbicas e bissexuais quando comparadas à mulheres heterossexuais. Ações de prevenção da violência precisam visibilizar a (r)existência da população LGBT e considerar que esse grupo é mais vulnerável a sofrer VPI, assim como os mecanismos de denúncia/proteção devem se adequar à relacionamentos compostos por diferentes sexualidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTEDO, A. O drama do “armário duplo”: a violência “invisível” entre casais do mesmo sexo. BBC BRASIL, mai, 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39791785>. Acesso em 08 set. 2019

ELMQUIST, J. et al. Motivations for Intimate Partner Violence in men and women arrested for domestic violence and court referred to batterer intervention programs. *Partner Abuse*, v. 5, n. 4, p. 359–374, 2014.

KIENE, S. M. et al. Depression, alcohol use, And Intimate Partner Violence among outpatients in rural Uganda: vulnerabilities for HIV, STIs and high risk sexual behavior. *BMC infectious diseases*, v. 17, n. 1, p. 88, 2017.

KRUG, E. G. et al. World report on violence and health Edited by. 2002.

LANGENDERFER-MAGRUDER, L. et al. Experiences of Intimate Partner Violence and subsequent police reporting among lesbian, gay, bisexual, transgender, and queer adults in Colorado: Comparing rates of cisgender and transgender victimization. *Journal of interpersonal violence*, [s. l.], v. 31, n. 5, p. 855–871, 2016.

NUNAN, Adriana. Violência doméstica entre casais homossexuais: o segundo armário? *Psico (Porto Alegre)*, v. 35, n. 1, p. 69-78, 2004.

REUTER, T. R. et al. Intimate partner violence victimization in LGBT young adults: Demographic differences and associations with health behaviors. *Psychology of Violence*, [s. l.], v. 17, p. 101–109, 2017.

WHITFIELD, D. L. et al. Experiences of Intimate Partner Violence among lesbian, gay, bisexual, and transgender college students: the intersection of gender, race, and sexual orientation. *Journal of Interpersonal Violence*, [s. l.], 2018.

WHO. Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence. 2013.